

REINVENTAR A DOCÊNCIA: PROBLEMATIZANDO O TEMPO DA PANDEMIA NO ESTÁGIO SUPERVISIONADO

REINVENTING TEACHING: PROBLEMING THE TIME OF THE PANDEMIC IN THE SUPERVISED STAGE

REINVENTAR LA DOCENCIA: PROBLEMANDO EL TIEMPO DE LA PANDEMIA EN LA PANSANTÍA SUPERVISADA

Lúcia Gracia Ferreira¹

Resumo: O estágio supervisionado é uma disciplina obrigatória das licenciaturas que foi muito impactada pela pandemia da COVID-19, devido ao seu caráter prático de atuação profissional. Dessa forma, buscamos neste artigo problematizar o tempo da pandemia para o desenvolvimento do estágio supervisionado no curso de Licenciatura em Pedagogia, tomando como ponto de entrada a reinvenção da docência. Sabemos que a profissão de professor foi atingida pela crise sanitária de modo peculiar, visto que foi necessário a implementação do ensino remoto emergencial, em razão da suspensão das atividades presenciais. Com isso, aqui encontram-se partilhadas de narrativas de estudantes de um estágio supervisionado ocorrido durante a pandemia, produzidas a partir de uma situação-problema proposta como atividade avaliativa da disciplina. Assim, deu-se no âmbito qualitativo e exploratório no primeiro semestre letivo do ano de 2020. As narrativas são expostas em blocos e mostraram que a pandemia exigiu mudanças nos modos de organizar e desenvolver os estágios supervisionados dos cursos de licenciaturas. Além disso, impulsionou a construção de muitas aprendizagens da docência, relacionadas as incertezas que pairam sobre a profissão docente para os quais devemos estar preparados, que na docência é preciso refletir e também infletir, questionar, não ceder, reconhecer as necessidades, construir, mobilizar, ressignificar, reinventar entre outros. Dessa forma, o tempo da pandemia foi problematizado no estágio supervisionado e pudemos aprender com isso.

Palavras-chave: Docência. Estágio Supervisionado. Pandemia.

Abstract: The supervised internship is a mandatory subject for undergraduate degrees that was greatly impacted by the COVID-19 pandemic, due to its practical nature of professional performance. In this way, we seek in this article to problematize the time of the pandemic for the development of the supervised internship in the Licentiate in Pedagogy course, taking the reinvention of teaching as an entry point. We know that the teaching profession was hit by the health crisis in a peculiar way, as it was necessary to implement emergency remote teaching, due to the suspension of face-to-face activities. With that, here are shared narratives of students of a supervised internship that took place during the pandemic, produced from a problem situation proposed as an evaluative activity of the discipline. Thus, it took place in the qualitative and exploratory scope in the first academic semester of

¹ Doutora em Educação pela Universidade Federal de São Carlos (UFSCar). Pós-doutorado pela Universidade Federal da Bahia (UFBA) e Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB). Professora da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia (UFRB) e da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia-Itapetinga (UESB). Professora do Programa de Pós-Graduação em Educação da UFBA e da UESB. Líder do Grupo de Pesquisa e Estudos Pedagógicos (CEPEP/ CNPq/UESB) e Docência, Currículo e Formação (CEPEP/ CNPq/UFRB). ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-3655-9124>. E-mail: lucia.trindade@uesb.edu.br.

2020. The narratives are exposed in blocks and showed that the pandemic required changes in the ways of organizing and developing the supervised internships of undergraduate courses. In addition, it boosted the construction of many teaching learning, related to the uncertainties that hover over the teaching profession for which we must be prepared, that in teaching it is necessary to reflect and also inflect, question, not give in, recognize the needs, build, mobilize, resignify, reinvent, among others. In this way, the time of the pandemic was problematized in the supervised internship and we were able to learn from it.

Keyword: Teaching. Supervised internship. Pandemic.

Resumen: La pasantía supervisada es una materia obligatoria para las carreras de grado que se vio fuertemente impactada por la pandemia del COVID-19, debido a su carácter práctico de desempeño profesional. De esta forma, buscamos en este artículo problematizar el tiempo de la pandemia para el desarrollo de la pasantía supervisada en la carrera de Licenciatura en Pedagogía, tomando como punto de entrada la reinención de la docencia. Sabemos que el magisterio se vio golpeado por la crisis sanitaria de manera peculiar, pues fue necesario implementar la enseñanza remota de emergencia, debido a la suspensión de las actividades presenciales. Con eso, aquí se comparten narrativas de estudiantes de una pasantía supervisada que ocurrió durante la pandemia, producidas a partir de una situación problema propuesta como actividad evaluativa de la disciplina. Así, se desarrolló en el ámbito cualitativo y exploratorio en el primer semestre académico de 2020. Las narrativas se exponen en bloques y evidenciaron que la pandemia requirió cambios en las formas de organizar y desarrollar las pasantías tuteladas de los cursos de graduación. Además, impulsó la construcción de muchos aprendizajes docentes, relacionados con las incertidumbres que se ciernen sobre la profesión docente para las cuales debemos estar preparados, que en la docencia es necesario reflexionar y también flexionar, cuestionar, no ceder, reconocer las necesidades, construir, movilizar, resignificar, reinventar, entre otros. De esta forma, se problematizó el tiempo de la pandemia en la pasantía tutelada y pudimos aprender de ella.

Palabras clave: Docencia. Pasantía Supervisada. Pandemia.

Reinvenção do tempo

A pandemia nos ensina
A reinventar o tempo
Em tempos do agora
Da agenda esquecida
Dos sonhos pra outrora

Em tempos de dentro
De dentro de casa
De dentro do agora
De dentro de si

Em tempos de não
De não visitar
De não abraçar
De não partilhar

Ensina que é sempre
O tempo exato

Eu não poderia começar este texto de outra maneira, tinha que ser com poesia. Esta poesia, solicitada especificamente para a escrita deste artigo, será tomado como a espinha dorsal do texto e problematizado, conforme referencial teórico sobre o tema. Desse modo, o tempo aqui é realçado como aquele que não para e do qual não temos o controle. O tempo é assim.

O artigo partilha de narrativas de estudantes da disciplina de Estágio IV – Populações Diferenciadas, que é um estágio obrigatório, ofertado no 6º semestre do curso de Pedagogia da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, Campus de Itapetinga-Bahia. Este é um estágio supervisionado ofertado no 8º semestre do curso, por conta da pandemia, a área resolveu antecipar este estágio para ser o primeiro, adiando os estágios que só poderiam ser realizados em docência.

Estas narrativas foram produzidas a partir de uma situação-problema proposta como atividade avaliativa da disciplina. Assim, deu-se no âmbito qualitativo e exploratório e buscou problematizar a formação no momento da pandemia da COVID-19. Trata-se do primeiro semestre letivo do ano de 2020, que por conta dos atrasos, aconteceu no primeiro semestre do ano civil de 2021.

Este artigo tem por objetivo problematizar o tempo da pandemia para o desenvolvimento do estágio supervisionado no curso de Licenciatura em Pedagogia, tomando como ponto de entrada a reinvenção da docência. Sabemos que o estágio supervisionado é uma disciplina obrigatória das licenciaturas que foi muito impactada pela pandemia da COVID-19, devido ao seu caráter prático de atuação profissional. Dessa forma, entendemos que mudanças ocorridas nos vários âmbitos – social, cultural, político, educacional, econômico etc. – foram necessárias para que pudéssemos “sobreviver” a esta pandemia, mas estas foram demasiadamente impactantes, em umas áreas mais.

O estágio supervisionado como atividades referentes a situações reais de vida e trabalho foi limitado com a pandemia. Mas a importância destes estágios (PIMENTA; LIMA, 2011; SOUZA; MARTINS, 2012; RIBEIRO; ARAÚJO, 2017; ARAÚJO; MARTINS, 2020; MEDEIROS; FORTUNATO; ARAÚJO, 2020; ARAÚJO, 2019; 2020; FERRAZ, 2020;

² Agradeço a minha amiga Sandra, por prontamente, atender ao meu pedido e fazer a poesia para escrita deste artigo. Obrigada!

FERREIRA, Lúcia; FERRAZ, 2021; FERREIRA, Lucimar; FERRAZ, 2021), ultrapassam as excepcionalidades. Na pandemia, os estágios foram ressignificados (SOUZA; FERREIRA, 2020; FERRAZ; FERREIRA, 2021; FERREIRA; ABREU, 2021; SOUZA, 2021; MAUAD; FREITAS, 2021; VINHAS; SANTOS; BARRETO, 2021; MORAIS, 2021; RIBEIRO; FERREIRA, 2022) para atender a situação de mudança que o ensino sofreu.

A Pandemia....

A pandemia da COVID-19 é um dos acontecimentos atuais e que se configura como uma crise sem precedentes. Iniciou em 2019, na China, e foi identificada como uma doença respiratória. Devido ao alto grau de contágio e disseminação, logo evoluiu para Emergência de Saúde pública Internacional, tomando o *status* de pandemia em março de 2020, quando já havia mais de 118 mil casos de pessoas infectadas e 4,2 mil óbitos no mundo todo (OPAS/OMS, 2020a, 2020b).

Os estudos mostraram que se tratava de um novo coronavírus (SARS-CoV-2), portanto, a recomendação foi de isolamento social e acentuação das condições de higiene (OPAS/OMS, 2020a). A ideia que se tinha era que essas medidas pudessem impactar para a não propagação do vírus já que pouco se sabia sobre esse novo vírus que, rapidamente, atravessou continentes e desvelou nossas vulnerabilidades e fraquezas.

No Brasil, essa situação provocou crises – sanitária, política, econômica, social, cultural – que, diga-se de passagem, ainda estamos a aprender a conviver com elas já que, estas não acabaram, na verdade, elas ascenderam e desencadearam outros problemas ou acentuaram os que já existiam. As desigualdades sociais é um destes que está constantemente na pauta das produções científicas sobre o tema (SENHORAS, 2020; TORRES; COSTA; ALVES, 2020; LAUDA-RODRIGUEZ et al., 2020; FREITAS; SILVA; CIDADE, 2020).

As condições de vida diferenciam-se muito aqui em nosso país. Ficar em casa, isolado, não é a mesma coisa para todos. A moradia de muitas das pessoas vulneráveis se configura como um cômodo a ser dividido com crianças, adultos e idosos que, deverão permanecer a todo o tempo dividindo aquele espaço, muitas vezes, com poucos alimentos, água e, praticamente, sem entretenimento. Isso ainda é agravado com as condições sanitárias de muitas dessas moradias e suas condições de temperatura e de acomodação (PRETTO; BONILLA; SENA; 2020). Enfim, as desigualdades sociais, na pandemia, se revelaram como ponto forte das diferenças entre classes.

O isolamento também levou a paralisação de setores comerciais considerados não essenciais, isso provocou desempregos, escassez de produtos para consumo, preocupações, medos; acentuou problemas de saúde física e mental; desencadeou problemas emocionais. Portanto, foi necessário o fechamento de instituições educacionais para evitar aglomeração e, conseqüentemente, a propagação do vírus.

Desse modo, todos nós fomos atingidos em todos os âmbitos. Assim, a educação não é exclusividade. A área de educação escolar precisou suspender suas atividades presenciais por, quase praticamente dois anos (em alguns lugares por dois anos) o que provocou perdas de diversas ordens (LEITE; TORRES; CUNHA, 2020; FERREIRA; FERREIRA; ZEN, 2020; OLIVEIRA; SANTOS, 2020; FERREIRA; FERRAZ; FERRAZ, 2021; FERRAZ, Rita, FERREIRA; FERRAZ, 2021; FERRAZ, Roselane, FERREIRA, Lúcia; FERRAZ, 2021; FERRAZ; FERREIRA, 2021; BARRETO; SANTOS; MACHADO, 2021; SANTOS; OLIVEIRA, 2021; SOUZA; FERREIRA, 2021; CABRAL; MOREIRA; DAMASCENO, 2021). No que tange aos aspectos educacionais, a alternativa viável para que o processo de escolarização continuasse acontecendo foi o Ensino Remoto Emergencial (ERE), inclusive com legitimação do Ministério da Educação e orientações do Conselho Nacional de Educação.

O ensino remoto teve várias perspectivas e para Carvalho e Araújo (2020, p. 352), “compreende um conjunto de atividades emergenciais que as escolas estão planejando e executando através de ferramentas virtuais ou outros meios disponíveis, visando minimizar os impactos da suspensão das aulas presenciais [...]”. Complemento que não só as escolas, mas as instituições educacionais da educação básica e superior, sendo o meio viável e temporário para concretização dos processos educacionais acontecerem.

Ainda, Moreira, Henriques e Barros (2020) remetem que a pandemia da COVID-19 levou os professores a mudanças rápidas de práticas devido a suspensão das atividades presenciais. Essa transição do ensino presencial para o ensino não presencial não se configurou como algo fácil para as pessoas envolvidas no processo, pois demandaram de mudanças, principalmente nas práticas, isso quer dizer que exigiu novos recursos e uma nova postura didática. Desse modo, entendemos que a reinvenção da docência foi necessária e novos modos de olhar o “tempo” foi demandado.

Bloco 1 – A pandemia (tempos de incertezas)

*A pandemia nos ensina
A reinventar o tempo
Em tempos do agora
Da agenda esquecida
Dos sonhos pra outrora*

Por que não falar do tempo? Por que não falar do tempo da pandemia? Kohan (2020) remete ao tempo da vida como aquele ligada ao capitalismo, em que tínhamos que produzir, produzir e que o tempo da pandemia desvelou isso, e mostrou tudo mais claramente, pois exigiu que parássemos, que “pisássemos no freio”. A sociedade em que vivemos exige o curto prazo, a *pandemia nos ensinou* que as incertezas, muitas vezes, exigem o longo prazo, portanto, nos obrigou a mudar. Assim:

A pandemia tem nos oferecido a possibilidade de pensar e de perceber as coisas de outra maneira. Eis a dupla cara do COVID-19: de um lado, ele infecta, contamina, atrofia, pelo menos temporalmente, alguns sentidos, principalmente o olfato e o paladar; também ataca sobretudo os pulmões, gerando a falta de ar que, em muitos casos, leva à morte. Ele é letal e, como todo vírus, vive da morte do corpo que o aloja. Ele é necrófilo. Contudo, ao mesmo tempo, ele tem suspenso um sistema que parecia inquebrantável, imparável, incontornável. Como o sistema que suspende também vive da morte, podemos dizer que, implicitamente, ele é também biófilo. Ao mesmo tempo, o vírus ama a morte e a morte da morte, a vida que pelo menos potencial e indiretamente libera. Um dos aspectos do sistema capitalista que tem sido suspenso pelo vírus é a experiência frenética, exigida, produtivista do tempo que esse sistema estimulava e da qual vivia. Voltaremos a essa experiência temporal (KOHAN, 2020, p. 5, grifos nosso).

Com a pandemia, o tempo se modifica, o futuro distante se torna presente e o futuro recente remete ao passado para, numa perspectiva temporal, se fazer entender. Sobre isso, Santos (2021) também nos ensina e nos convida a pensar esse tempo futuro de um novo século que começa, em 2020, com a pandemia.

Consideramos então que, *reinventar o tempo*, é uma das aprendizagens da pandemia. Tivemos que entender o presente, os *tempos do agora* (na pandemia), e adiar projetos de vida (*Da agenda esquecida*). Dentre estes estão aqueles concernentes a educação, a formação. Por isso, procurei problematizar o tempo da pandemia na formação dos licenciandos que estavam vivenciando o primeiro estágio do curso, através, principalmente, da situação-problema abaixo:

Que momento é esse da minha formação? Você deve já ter feito essa pergunta. Considerando a situação *sui generis* da Pandemia da COVID-19 que estamos vivenciando, são muitos os questionamentos e poucas as respostas; são muitas as exigências e pouco o retorno. Portanto, pensar numa educação equitativa se tornou demasiadamente difícil, visto que são poucas as alternativas e alto o preço a pagar pelas escolhas realizadas, ou seja, **são tempos difíceis. Tempos de isolamento, de reflexões, de reinvenções, mas com tudo isso ainda é tempo de formação.** Esta formação que vocês vivenciam, deste primeiro estágio supervisionado do curso e já realizado de modo remoto, com tantas particularidades que ele apresenta, clama por um zelo contextual, esse de um saber-fazer e de um saber-aprender diferente a três modos: 1) trata-se do primeiro estágio supervisionado de um curso de formação, pois é um momento esperado; 2) trata-se de um estágio em populações diferenciadas, portanto, refere-se a diferentes sujeitos situados no âmbito das lutas sócio-históricas a serem atendidas; 3) trata-se de um estágio supervisionado remoto, fora da lógica do ensino que vinha sendo ofertado. Os três aspectos apontam peculiaridades que nos levam a pensar no atendimento ao diverso. Desse modo, como se aproximar do contexto de atuação profissional de modo remoto? Como aprender a profissão nesse contexto de crise que nos assola? Como dar conta das vivências com a diferença, a diversidade, a pluralidade cultural, social e humana? Como ressignificar esse primeiro estágio e aprender? (Elaborado pela autora, 2021).

Chegar ao estágio supervisionado é um momento muito esperado para muitos estudantes, o primeiro estágio tem um sabor especial. Porque o estágio é esse momento cheio de sensações, expectativas, desafios ... Mas, começar o curso presencial e chegar ao primeiro estágio remoto, é, no mínimo, estranho. Fica parecendo que as coisas mudaram muito rápido e nem demos conta de perceber (e foi muito rápido mesmo). Por isso, “que momento é esse da minha formação?”, é a pergunta base, mas que vem seguida de uma série de reflexões. É uma pergunta de esperança, beleza, ternura, porque é o estágio esperado, mas aqui foi de frustrações (principalmente das expectativas), porque não estava sendo da forma esperada. *A pandemia nos ensinou a repensar a formação e adiar os sonhos pra outrora.*

Nesta perspectiva, somos frutos de uma temporalidade transversalizada que se integra e integra passado, presente e futuro. Vivemos numa sociedade, com maiores esclarecimentos que as certezas as quais estávamos (estamos?) subordinadas, já não existem mais. A incerteza paira sobre os modos como conduzimos nossa maneira de ser no mundo (pessoa, profissional, mãe...), não temos o controle, pois “o presente também é regulado por um futuro, com todos os seus riscos e incertezas” (MACEDO, 2001, p. viii). Durante séculos fomos (seres humanos) surpreendidos pelos resultados, frutos de decisões tomadas sem previsibilidades e entendemos que neste século e nos vindouros, as palavras-chaves começam com *in* e *im* – incerteza e imprevisível. Precisamos planejar para atender aos “ins”. Assim, o tempo atual de

crises (no plural) é também um tempo de tarefas acumuladas, de sonhos e planos para depois. Por isso, conforme Ferraz e Ferreira (2021, p. 9):

[...] é preciso registrar que o ensino remoto fomenta um processo de ressignificação, materializado, em um primeiro momento, pela reconfiguração curricular das proposições dos cursos de licenciatura, para garantir a formação dos alunos da graduação em um contexto emergencial, temporário e adverso. [...]. Somado a isso, tivemos que desconstruir a ideia de que bastava realizar uma transposição do ensino presencial para o ensino remoto; ao contrário, exigiu mudanças na forma de mediar o conhecimento e de construí-lo; práticas e metodologias tiveram que ser inovadas para atender o contexto digital. Salientamos que, com tudo isso, o ensino remoto também ressignificou nossas possibilidades de rever a formação, viabilizando trilhar outros caminhos que, ao mesmo tempo, permitiram reconstruir nossos saberes e transmutar aprendizagens.

As heranças da pandemia na formação refletiram nos modos de concebê-la, o que exigiu reinvenções, contudo, não deixou de ser formação por estarmos num formato não presencial. Durante toda a pandemia, como professora de estágio, a partir da escuta, principalmente, das narrativas de frustrações dos estudantes-estagiários, que perpassavam pelo fato deles se sentirem que estavam sendo formados para serem menos professores que os outros que fizeram o estágio presencial, falei nas disciplinas³: “não permita que o ensino remoto determine quem você é quem você vai ser”. Mesmo com esta crise que atravessou a profissão docente e a formação de professores, não podemos permitir que ela nos defina.

Tomo aqui o último questionamento da situação-problema para encerrar este bloco: Como ressignificar esse primeiro estágio e aprender? Os saberes são construídos contextualmente, em qualquer cenário somos capazes de aprender e ressignificar. Perrenoud (2001), há 20 anos já nos direcionava na ideia que ensinar é agir na urgência e por isso temos que mobilizar nosso melhor recurso em favor do alcance dos objetivos educacionais – os saberes. E os estudantes-estagiários aprenderam dessa forma, ressignificando saberes e construindo outros; ressignificaram também olhares, palavras, movimentos, modos de ser, modos de fazer, modos de pensar, modos de aprender etc., e estas serão abordadas nos próximos blocos.

³ Disciplinas porque ministrei quatro disciplinas de estágios diferente no formato remoto nas duas instituições em que tenho vínculo.

Bloco 2 – O isolamento (tempo de reflexões e inflexão)

*Em tempos de dentro
De dentro de casa
De dentro do agora
De dentro de si*

Entre ilhas? Foi assim que me senti nesta pandemia. Porque é isto que o isolamento social faz, separa e ao mesmo tempo marca. O rompimento de vínculos e a interrupção de rotinas nos atingiu sobremaneira. Ele deixou marcas durante o período crítico e agora neste período mais flexível foram se tornando mais visíveis. Fomos impactados no âmbito financeiro, profissional, social, cultural, da saúde física e mental, das emoções, dos afetos, dos abraços, do contexto, do ser gente. A pandemia é esse tempo de perdas pois, conforme Santos, “ao contrário do que é veiculado pelos media [sic] e pelas organizações internacionais, a quarentena não só torna mais visíveis, como reforça a injustiça, a discriminação, a exclusão social e o sofrimento imerecido que elas provocam” (SANTOS, 2020, p. 20). É o *tempo de dentro, de dentro de casa*.

Mas o isolamento não foi uma escolha, foi uma necessidade, não tínhamos outra opção. Temos que reconhecer que não estávamos preparados porque os “*ins*” não fazem (faziam) parte de nossas formações ou composições. Por isso, foram muitas as perdas oriundas do isolamento, porque o de *dentro do agora* da pandemia, era baseada numa urgência que não tínhamos condições de atender, porque exigia conhecimentos que estavam além dos nossos, e um tempo para conhecer que já não tínhamos. Mas como ressalta Santos (2020), temos que reconhecer que a pandemia é indutora de conhecimentos.

Então, os cuidados de si foram necessários. Ferraz, Roselane, Ferreira e Ferraz (2021) retratam o cuidar como uma dimensão necessária no ensino remoto. Entendemos que isso porque demandou mais esforço diante de uma situação excepcional, desconhecida e desfavorável, e ainda que não sabíamos se estes esforços seriam suficientes. Para cuidar é necessária uma rede de solidariedade, pois “cuidar de si e do outro tem exigido novas formas/maneiras de estabelecer relações” (p. 331). Cuidar exigiu de todos nós competências emocionais que estávamos por construir, mas que em tempos de pandemia significou tempos de dentro, de *dentro de si*.

Em meio aquilo que precisávamos construir, também precisamos refletir e infletir. Fomos retirados da sala de aula, nosso porto seguro e costumeiro de construções sociais,

relações e aprendizagens, e convocados a um fazer diferente em um contexto estranho, com telas, links e ferramentas digitais desconhecidas. Com isso, o diálogo não foi “olho no olho” e se viu novas construções como a “presencialidade digital”. São muitas as aprendizagens deste tempo de isolamento, porque tudo isso provocou reflexões, aquelas referentes a considerações sobre direcionamentos, e inflexões aquelas que nos submete a mudanças de direções, ambas demandadas por tempos difíceis. Isto pode ser visto na narrativa a seguir:

Aprender a profissão docente nesse cenário tem exigido muita dedicação em buscar conhecimentos seja na leitura de textos, discussões nas aulas síncronas ou participações em eventos on-line. É preciso usufruir dessas ferramentas e tirar delas o máximo de proveito para a formação acadêmica, já que a experiência da prática não está sendo possível. O principal é entender que a educação não é estável e que ela muda conforme a sociedade muda. Quando penso na profissão docente me vem à mente a frase “**viver é um rasgar-se e remendar-se**” de Guimarães Rosa. O rasgar-se e remendar-se, para mim, é sobre a resiliência de se reinventar, dar sentido a nova realidade que se impõe e explorar nossa criatividade. A reinvenção e a criatividade fazem parte do cotidiano do professor, pois toda aula é um exercício para o aperfeiçoamento. E nessa conjuntura a criatividade e a reinvenção fazem-se necessário. A migração do ensino presencial para o remoto exigiu também uma reconfiguração das metodologias e práticas aplicadas para desenvolver ensino-aprendizagem. Para isso, é necessário que os professores se ajustem as novas tecnologias digitais. Tendo em vista que o ensino remoto pressupõe que alunos e professores não ocupem o mesmo espaço geográfico, **os professores precisam utilizar as novas ferramentas de modo que o ensino não seja apenas transmissivo.** E para que isso aconteça, o docente precisa analisar o perfil de acesso à internet de seus alunos; se o aluno usa celular, computador ou tablete? É imprescindível também preparar sua aula de maneira que acolha todos os alunos, pois, o planejamento precisa ser construído dentro das necessidades destes. Quando o professor for utilizar uma nova ferramenta de metodologias, app, site, ele precisa contextualizar momentos antes do início do conteúdo, ou pedir para que os alunos pesquisem sobre a ferramenta e apresentar para a turma. Assim, os alunos familiarizam com a ferramenta e ainda promove aprendizagem. Penso que, não apenas no contexto de ensino remoto, mas no ensino presencial também, para o professor dar conta da pluralidade da sala de aula, ele precisa contextualizar os assuntos da sua aula para as experiências e vivências daqueles alunos. O professor pode auxiliar os alunos a encontrarem significados dos conteúdos com a vida deles. Quando o aluno se identifica com o assunto que está sendo proposto, a aprendizagem acontece de maneira natural. **Para isso, é preciso superar a barreira do preconceito e entender que dentro da sala de aula há pessoas diferentes em vários aspectos: social, cultural e econômico;** pois só se promove educação para a pluralidade reconhecendo que há diversidade. **Portanto, podemos ressignificar esse momento do estágio remoto como um aperfeiçoamento para a formação pedagógica e inserção da educação no meio digital.** Desse modo, por mais que seja uma fase difícil a situação que estamos vivenciando no contexto educacional, as experiências e adaptações às novas modalidades de ensino podem ser consideradas um avanço positivo no que diz respeito à utilização de ferramentas

digitais para promoção de aprendizagem por meio do ensino remoto (Estudante 1, grifos nossos).

Há o reconhecimento por parte da estudante da necessidade de busca por outros conhecimentos sobre profissão docente para dar conta das imprevisibilidades. A referência a Guimarães Rosa retrata um conhecimento bastante pertinente para um professor, que o aponta como eterno aprendiz, porque a busca pelo conhecimento não é algo acabado e a pandemia evidenciou isto. O que conhecemos nunca é suficiente para uma sociedade complexa, em constante mudança que emana incertezas.

A estudante aponta que reeducar o olhar é necessário, se isto não acontecer também não se verá a necessidade de mudar, de reinventar, de ressignificar os saberes. Às vezes esta reeducação perpassa pela necessidade de reconhecer a força de uma coletividade para promoção de provocações maiores. Esta preocupação também considera a ideia do ensino remoto não se transformar apenas numa transposição do ensino presencial, sem mudanças ou considerações. Ferraz, Rita, Ferreira e Ferraz (2021, p. 10) afirmam que:

Em relação ao segundo ponto, a (re)aprendizagem do ensinar, podemos considerar que a falta de uma proximidade vivencial com o mundo virtual e, conseqüentemente, no uso dos aparatos tecnológicos tem sido um dos aspectos que mais tem impactado o docente. Essa condição passou a exigir uma necessidade de adaptação a um novo modo de ensinar.

O que se vê é a estudante fomentando esta necessidade do ato de reaprender a ensinar para atender o outro, o aluno que, muitas vezes, não tem sequer condições mínimas em sua moradia para estudar e nesta pandemia, muito destes alunos não tinham o acesso nem as ferramentas tecnológicas para tal. Estudos (PRETTO; BONILLA; SENA; 2020; TORRES; COSTA; ALVES, 2020; TELES; GOMES; VALENTIM, 2021) já apontavam para esta vulnerabilidade dos estudantes o que exige ainda mais a reeducação do olhar de todos os participantes do processo. Dessa forma, a visualização da necessidade do cuidado (PEREIRA; SANTOS; MANENTTI, 2020; SCHMIDT et al., 2020; FARO et al., 2020; FERRAZ, Roselane; FERREIRA; FERRAZ, 2021) e das mudanças de metodologias e práticas (SOUZA; FERREIRA, 2020; VALLE; MARCOM, 2020; SANTANA; SALES, 2020; FERREIRA; FERREIRA; ZEN, 2020; CRUZ; COELHO; FERREIRA, 2021; FÉLIX, 2021; AMADOR et al., 2022) para atender ao contexto, surge como resposta as fragilidades da formação, mas também como possibilidade de aprendizagem. Nóvoa (2022, p. 27) ratifica a importância dos professores ao mencionar que eles “foram capazes de reinventar a pedagogia e os ambientes de aprendizagem, reforçando as dimensões públicas e comuns da educação”.

isto quer dizer que, mesmo com as limitações de diversos âmbitos, uma delas da formação, os professores conseguiram contribuir para a educação na pandemia, por isso, investir na formação é um ponto que tende a potencializar essas contribuições.

Foi isso que o estágio mostrou para estudante, que o atendimento a diversidade já era um problema antes da pandemia, mas para atender a esta urgência na pandemia seria necessárias mudanças e estas poderiam ser oriundas da formação ou da emergência do acontecimento. Ela mostra que aprendeu, que ressignificações são necessárias e que a formação pedagógica ocupa um lugar muito importante no processo de ser professor, de formar-se professor. O estágio remoto foi tomado como possibilidade de aprendizagem, não ficando no âmbito da frustração e decepção. É reconhecendo as potencialidades dos acontecimentos para provocar aprendizagens e saberes e, conseqüentemente, mudanças, que temos condições de construir um olhar crítico e ético sobre o próprio fazer, além do reconhecimento de limites para a constituição do ofício.

Bloco 3 – O não do tempo (tempos de não?)

*Em tempos de não
De não visitar
De não abraçar
De não partilhar*

Por que o não do tempo? Vejo este NÃO na pandemia de duas formas: 1) que remete a força, cessão; 2) que remete a necessidade. Mas os dois não sinalizados não negam? A ideia na pandemia é a de que eles não nos deixem em déficit. Quando há desistências, abandono, há perdas, sabemos disso. Para que isso não aconteça precisamos *não ceder*. O que significa, muitas vezes, esforçar, enfrentar, lutar. Apesar das proibições necessárias em tempos de isolamento social, *de não visitar, de não abraçar, de não partilhar*, esta negativa salvou muitas vidas, configurando-se, portanto, numa *necessidade*. No primeiro temos que compartilhar do ânimo, energia, veemência e leva a reflexão, a subjetividade, a direcionamento, a decisão; no segundo ele aponta para uma intervenção, que nega muita coisa, mas que também preserva (vidas). Ou seja, os não da pandemia não estão isolados, eles se complementam.

Nesta caminhada, Chrónos e Kairós dialogam. Estamos vivendo uma pandemia que teve seu início marcado [por Chrónos] em março de 2020 e já perdura por mais de dois anos. Ao mesmo tempo vivemos experiências únicas (oportunidades) que não seriam possíveis em

outro momento [Kairós], estas que tem nos permito pensar, idealizar, refletir, fazer entre outros. O primeiro é um tempo concreto que podemos medir (calendário, horas...) e planejar sobre ele; o segundo é um tempo abstrato, da oportunidade, que não pode ser controlado.

No desvelamento sobre o tempo, observa-se uma crescente dualidade da noção temporal – o tempo físico e o tempo social. Nesta divisão conceitual, o tempo físico pode ser indicado como aquele que se inicia sob o domínio de Chrónos e determina o ritmo e a contagem do tempo que guia o mundo em dias, horas, minutos etc. e o tempo social – o Kairós, que pode ser indicado como o tempo vivido pelos homens, nem sempre coincidente com o tempo cronológico. Daí, que seja possível, construir tipologias do mesmo, fazer sua história e analisar suas inter-relações, reconstruir esta complexidade e estratificada estrutura (FERREIRA; ARCO-VERDE, 2001, p. 69).

Nesta perspectiva, a tendencia é de um pós-pandemia com as organizações das salas de aula mudadas, com instituições a partir de outras lógicas, isto porque o tempo escolar institucionalizado carrega marcas de sua cultura, de sua sociedade e da dualidade da noção temporal. Assim, as aprendizagens oriundas da pandemia serão “pano de fundo” para muitas mudanças no âmbito da educação, mudanças influenciadas pelos tempos vividos, inclusive este tempo de *não*. Mas, primeiramente, precisamos entendê-las. A estudante 2 nos convidou a isso.

O momento de regência em sala de aula é algo muito esperado pelos estudantes, seja pela “ansiedade boa” da expectativa em ministrar aula, seja pela apreensão de como se dará este momento; **ter essa experiência**, e viver momentos totalmente subjetivos, é algo ímpar! Mas devido a pandemia do novo Coronavírus, os momentos presenciais precisaram dar espaço para as salas de aula virtuais; salas que outrora eram algo distante para nós que gostamos dos momentos presenciais – afinal de contas, o ser humano como humano, carece desse contato físico. Pensar na possibilidade de migrar de forma abrupta para um ambiente novo, nunca experimentado antes, **causou-nos medo e estranheza**, pois, não estávamos habituados com esse espaço; sobretudo após meses de distanciamento físico. Em se tratando do primeiro estágio, e ainda mais para um público diferenciado, que exige tanto quanto o público da Educação Infantil, é necessário se pensar em meios, modos e maneiras diferentes para poder atendê-los. Mas nada pode ser feito antes de haver planejamento e claro, acima de tudo **ACEITAÇÃO. Sem a Aceitação nós não fazemos nada**. Porque nosso cérebro precisa comunicar ao restante do corpo que ele deve agir, e como corpo e mente não se dissociam ambos precisam trabalhar em consonância. Quando há aceitação, conseguimos dar um norte aos nossos passos, conseguimos pensar melhor, conseguimos colocar em prática aquilo que queremos, conseguimos nos mover. Assim, como não há o que se fazer nesse contexto haja vista que todo o mundo sofre com esse problema, a aceitação então, seria um alívio para nós que enquanto pedagogos em formação, **precisamos enxergar, e não meramente ver**, as possibilidades existentes (e pesquisadas por alguém a tempos atrás – quando eram “os loucos discutindo sobre as TIC’s e/ou TDIC’s”). Seguido da aceitação, como mencionado antes, precisamos **planejar. O planejamento nos orienta**; nos ajuda a mantermos o foco naquilo que

precisamos executar. Pensar nas possibilidades existentes e buscar capacitação para colocar o que existe no papel, em prática, também é essencial. Dessa maneira, penso que conseguiremos aprender, mesmo que não em sua totalidade, mas algo sempre fica retido, pois os diálogos e as discussões que partem do aceitar e do planejar, ficam retidas. Mas como o estágio se dá para um público diferenciado, diverso, ainda há de se pensar em outro ponto importante – **a humanização. Não podemos pensar no outro sem sermos humanos!** Se o perfil de nós pedagogos enquanto alunos em formação, enquanto estagiários **não caminhar junto com as mudanças** que vem ocorrendo, não podemos ter uma formação que seja humanitária, recíproca e, portanto, reflexiva. **Não posso realizar meu trabalho e não refletir sobre ele. Não posso refletir sobre ele e não o modificar, não posso refletir sobre ele e ficar inerte;** aliás, até posso, mas **não devo.** Ao menos para aqueles que se inquietam por fazer o que é certo, o que é justo, o que é ético e coerente. Em suma, **penso que tudo isso (aceitação, planejamento, humanização e reflexão da prática sobre a prática), corrobora para a ressignificação do estágio supervisionado nesse contexto de distanciamento presencial.** Na verdade, vou além, isso tudo não somente corrobora, como também ratifica (Estudante 2).

A estudante se refere ao estágio como algo esperado, como experiência desejada, portanto, ligada a *kairós*, como um tempo social, vivido, subjetivo. De fato é. O estágio não aconteceu no formato presencial, com o contato físico com as pessoas, mas isto não impediu a “experiência” de acontecer. *Kairós* é também o tempo da oportunidade, único, singular, e acredito que cada estagiário teve o seu.

A qualidade do vivido faz toda diferença (*kairós*) e a estudante foi narrando como qualificou o seu estágio. Posterior a ideia da experiência, ela faz referência ao ser humano como aquele que carece do contato físico, portanto, manifesta o entendimento de Pérez-Gómez (1998, p. 14) quando nos propicia dialogar que a “educação, num sentido amplo, cumpre uma iniludível função de socialização, desde que a configuração social da espécie se transforma em um fator decisivo da hominização e em especial da humanização do homem”. Somos de fato seres sociais e por isso o *não* da pandemia como necessidade, que rompe vínculos e nos separa em ilhas, nos afetou tanto.

O inesperado nos desconserta. O novo assusta. A pandemia e o ERE provocaram medo e estranheza e “não se pode minimizar as repercussões psicológicas que o cenário geral da pandemia causa sobre indivíduos em particular [...]” (FARO et. al., 2020, p. 09). Mas também nos possibilitou a necessidade de não somente enxergar, mas também ver e a estudante 2 tomou este tempo como aquele momento (e não outro) oportuna para ver e, a partir de então, aceitar, posteriormente, transformar.

Dessa forma, a profissão docente, considerada por Estrela (2010) como em constante mudança – que muda o mundo e é mudada por ele – se adapta as sociedades complexas, mas também a influencia, em aspectos como:

Na sua incerteza, nos riscos e desequilíbrios de toda a ordem que o afectam, na conflitualidade social, nos valores ameaçados, mas também na emergência de novos valores e formas de participação e solidariedade, nas potencialidades de inovação e reconstrução, na procura da difícil aliança entre razão e afectividade, na sentida necessidade de renovação ética que ultrapasse o moralismo convencional e dê consistência à uma cidadania que não surja como um substituto da ética, mas como a sua emanação (ESTRELA, 2010, p. 10).

O estágio para a estudante 2 potencializou identificar [e ver] mudanças, fragilidades, lacunas, sentimentos entre outros. Essa educação do olhar vai se configurando como um saber necessário e muito importante para a docência. A aluna também referencia ao primeiro não. O não que questiona, o não que interroga, o não que exige respostas, o não que exige atitudes, o não que não se contenta, mas faz (portanto esforça, enfrenta e luta). Nesta conjuntura, a aceitação, o planejamento, a humanização e a reflexão proposta por ela tornam-se bem pertinentes para promoção de aprendizagens da docência (mas não somente da docência).

Em dos estágios ministrados por mim durante a pandemia, em gestão escolar, convidei a gestora de uma escola para participar conosco virtualmente, falando do trabalho desenvolvido por quem ocupa esta função. Algo que ela falou me chamou muita atenção: “O abraço negado é uma alma rachada”. Ela se referia as crianças que se orgulham do abraço, de abraçar a tias e os coleguinhas; que queriam, mas não podiam abraçar. E ela perguntou: “como nós negamos um abraço para uma criança?”, e depois “como a gente explica para uma criança que não pode abraçar?”. A pandemia fez isso com a gente, nos deixou, muitas vezes inefáveis. Cabe a nós refletirmos sobre isso e aprender.

Bloco 4 – A docência (tempos de reinventar)

*Ensina que é sempre
O tempo exato
De Recomeçar*

A docência em tempos de pandemia tem sido amplamente debatida, inclusive por alguns autores já mencionados. Apesar do atual governo não reconhecer e considerar o tempo de trabalho do professor entre maio de 2020 a dezembro de 2021⁴, sabemos que ele é um dos

⁴ Lei Complementar 191/2022.

profissionais que mais trabalhou e, por cima, ainda teve que reinventar a docência, pois a de outrora não atendia ao contexto pandêmico.

Esta reinvenção perpassou/perpassa o Desenvolvimento Profissional Docente (DPD), pois provoca mudanças e impactos em aspectos emocionais, formativos, nas práticas, na profissionalidade, condições de trabalho, historicidade do sujeito entre outros. Conforme Ferreira (2020a) estes elementos são passivos de influências, ao mesmo tempo que são também influenciadores. Para Imbernón (2011, p. 76), o DPD é um “conjunto de factores que possibilitan o impiden que el profesorado avance en su vida profesional”. Assim, entendemos que este conjunto nunca é isolado, por isso, o professor é um profissional super impactado pelas transformações do mundo, tanto internamente quanto externamente, na condução do seu trabalho. As aprendizagens da docência (FERREIRA, 2021; CRUZ; BARRETO; FERREIRA, 2020) foram/são latentes nesta pandemia e trouxe valiosas contribuições no DPD.

Outros estudos sobre DPD (SANTOS; FERREIRA, 2016; SANTOS; FERREIRA; FERRAZ, 2020) remetem ao mal-estar docente e a influência deste nos modos como o professor se constrói profissionalmente, e dimensionam a discussão para o âmbito do ser humano integral, o que nos permite inferir sobre a necessidade do professor ser visto, no âmbito profissional também como uma pessoa que sente, age e faz e que, é impactado por estas questões no campo laboral.

Neste sentido, o professor está em constante reinvenção (das práticas, da formação, dos modos de avaliar, de fazer etc.). Com a pandemia, a reinvenção da docência não se configurou somente como uma alternativa, mas como uma necessidade e, *quica*, única possibilidade de realização do trabalho. O ensino, clamou pelo uso das Tecnologias da Informação e Comunicação (TICs) e por novas maneiras de ensinar com elas e sem elas, portanto, exigiu reinvenção.

A revolução tecnológica que nos chama para uma dinâmica de um novo processo ensino-aprendizagem, tornou-se latente no contexto pandêmico. E como se utilizar disso como ferramenta para aperfeiçoar o trabalho docente? Foi preciso repensar o modelo de formação e gestão para ser capaz de dar respostas para esta nova demanda institucional e política. O estudante percebeu isso e foi capaz de reconhecer as aprendizagens oriundas deste cenário.

Estamos vivenciando um momento atípico na história da humanidade onde um vírus com tamanha gravidade modificou todo um cenário social. **O estágio é o momento mais esperado dentro de um curso de formação em qualquer área do**

conhecimento no nível superior. É um momento de formação, **de vivenciar e experienciar o contato com sua profissão (nesse caso, o chão da escola), de fortalecer a relação entre a teoria e a prática, de pesquisa no futuro campo de atuação entre outros dispositivos que o estágio possibilita.** Quando veio a pandemia da Covid-19 e quando houve a transposição das aulas presenciais para o remoto, de início veio diversos questionamentos, sobre a qualidade na formação, o vazio que seria dá prosseguimento ao estágio no remoto e na formação sem o contato com a escola; alunos, professores, pais e equipe pedagógica, todos esses receios tomaram conta. **Pois no remoto serviria apenas no campo da imaginação em nossa atuação.** No caso, a aproximação com o campo de atuação se dá através de ações de pesquisa e estudos teóricos, possibilitando o conhecimento e o aprofundamento teórico, além de simulações possíveis de situações *in loco* ou intervenções pedagógicas em salas virtuais, essas são as possibilidades que se aproximam do estágio presencial. O processo de ensinar e aprender torna-se muito difícil nesse momento, um período que está muito difícil, **cheio de medos, incertezas, angústias entre outros turbilhões de sentimentos.** O conhecimento e a prática do exercício profissional ficaram apenas no campo das simulações, mas possibilitou algumas formas de conhecimento, **principalmente nos meios tecnológicos e plataformas digitais,** o que ficou de grandes aprendizados nesse momento de pandemia. Nesse momento **possibilitou um olhar diferenciado das diferenças existentes em sala de aula, bem como, as limitações dos outros.** No meio digital, tudo fica mais difícil e cansativo. O desgaste é maior, tanto físico quanto mental. O mais difícil é não estar presente, ou, olho no olho, a abertura fica mais complicada, **cada um em seu quadrado ou sua tela.** Essas **dificuldades devem-se fazer presente em todo o processo de planejamento, execução e avaliação do ensino remoto,** principalmente quando esse **ERE atende aos invisíveis da escola. O que aprendemos com a pandemia? Aprendemos a ressignificar.... ressignificar as aulas, as práticas, a formação, o fazer e o saber docente e tudo aquilo que nos forja enquanto sujeitos.** Com isso, todo o aprendizado fica sobre o inovar de forma remota, em criar diversas possibilidades e instrumentos para as aulas, adaptando velhas metodologia as novas ferramentas, a ressignificar as aulas e práticas, **a reaproveitar todo o conhecimento utilizado aqui futuramente em contato em sala de aula** (Estudante 3).

O estágio é de fato este momento esperado, o primeiro estágio então, tem aquele sabor de novidade; remete a perspectiva de aprendizagens diversas, inclusive sobre o local de atuação profissional. Muitos estagiários se “descobrem” ou não professores nestas situações reais proporcionadas pelo momento do estágio. A docência é aprendida, refletida, praticada neste lugar.

Para a estudante 3, o momento atípico da sociedade modificou também os modos como o estágio foi ofertado, remetendo ao ensino remoto como aquele que relega o estágio no campo das hipóteses, da imaginação, “sobre aquilo que poderia ser”. Porém, de uma maneira ou de outra (presencial ou remoto), o estágio é importante fonte de aprendizagens da docência e construtor e mobilizado de saberes.

Os medos, as incertezas e angústias são frutos do “novo”, do desafio a que fomos postos; também de uma formação que não considera o imprevisível. Imbernón (2011) já nos

desafiava a formar para a mudança e a incerteza; há 20 anos, o autor (2000) nos convidava a pensar a educação para o século XXI e nos desafios do futuro imediato. Enguita (2004) nos chamava atenção para educar em tempos incertos. E não parou por aí. Jarauta e Imbernón (2015), continuou a nos desafiar a pensar a educação para o século XXI. Então, formar para as incertezas é um dos desafios de tempos de outrora que ainda não conseguimos sequer alcançar. Precisamos nos comprometer com uma formação que atenda as demandas atuais. Portanto, uma formação na contemporaneidade traz exigências:

Vários cenários podem compor a contemporaneidade que é marcada, principalmente, por aspectos da atualidade e da diversidade. As reflexões sobre essa “era” leva-nos (digo a instituição e nós os professores formadores) a assumir posições (políticas, curriculares, culturais, entre outros) sobre a formação de professores, tomando para nós a responsabilidade quanto a essa formação. Assim, emergem dessas escolhas cenários de formação de professores e diferentes profissionais (FERREIRA, 2020b, p. 412).

No cenário do ERE, com a ascensão das Tecnologias Digitais da Informação e Comunicação (TDIC), a docência clamou pela formação contínua para atender a esta área. Professores e alunos precisaram (re)aprender e vimos emergir saberes, mas também ficou latente muitas limitações, sejam referentes as condições de acesso das tecnologias ou de conhecimentos. Estes últimos que devem atender, ainda, as diferentes áreas de conhecimentos, conforme Ferreira, Ferreira e Ferreira (2014).

Considerar a diversidade ressaltada pelo estudante 3 exige reeducar o olhar, conforme Arroyo (2007). Portanto, a forma como olhamos para a diversidade ou a excepcionalidade se revelam em nossas ações. Devemos considerar que a diversidade é capaz de repolitizar a formação e formar para a diversidade, além do que isso já indica, é também pensar à docência em tempos de crise porque a adversidade se apresenta e revela a diversidade. O estudante conseguiu, através deste estágio com viés para as populações diferenciadas, enxergar tudo isso.

Desse modo, o tempo nos ensina a aprender e a pandemia também nos ensinou que há sempre recomeços, há necessidade disso; é sempre momento de começarmos a aprender alguma coisa, ou viver de outra maneira. Sabemos que não somos “Avatar” e não podemos simplesmente “entrar na Matrix”, ou como nos contos de fadas, não esperamos até meia noite para voltarmos a ser as “gatas borralheiras” ou o pôr do sol para sermos ogros para sempre. Somos pessoas, não nos desvinculamos de nós mesmos e da sociedade em situações de excepcionalidade, a vivenciamos tudo junto e misturado. Portanto, reinventar é necessário.

O estágio como este lugar de natureza extensiva que se faz no diálogo entre a universidade e outras instituições, dentre elas, a escola da educação básica, precisa agregar um caráter híbrido de formação em que os vários encontros sejam possíveis. Nóvoa (2017, p. 1115), ao remeter a necessidade de um novo lugar institucional para a formação de professores, o caracteriza como sendo “[...] lugar que se produz a profissão de professor não só no plano da formação, mas também no plano da sua afirmação e reconhecimento público”. Este é um lugar demasiadamente importante para a afirmação da docência como profissão que faz, que persiste e que [se] reinventa. Porque dentre as coisas que a pandemia ensina e que o tempo faz, estão as aprendizagens e mudanças, por isso, *ensina que é sempre, o tempo exato, de recomeçar*. Na pandemia, a reinvenção da docência, para futuros professores, perpassa pela configuração da formação.

Quais considerações?

O que considerar depois de falares e dizeres tão tocantes? Apesar desse ensino remoto ser um contexto de ensino totalmente novo para professores acostumados apenas com o ensino presencial; ser implantado tão abruptamente, por ser emergencial; que requer uso de recursos didáticos tecnológicos e plataformas de aprendizagens digitais que raramente eram utilizadas, não se pode perder de vista a busca pela qualidade da educação a ser ofertada e as possibilidades de aprendizagens a partir deste cenário.

As narrativas expostas neste estudo, mostraram que a pandemia exigiu mudanças nos modos de organizar e desenvolver os estágios supervisionados dos cursos de licenciaturas. Além disso, impulsionou a construção de muitas aprendizagens da docência, relacionadas as incertezas que pairam sobre a profissão docente para os quais devemos estar preparados, que na docência é preciso refletir e também infletir, questionar, não ceder, reconhecer as necessidades, construir, mobilizar, ressignificar, reinventar entre outros. Dessa forma, o tempo da pandemia foi problematizado no estágio supervisionado e pudemos aprender com isso.

Vivemos tempos de crises, numa sociedade contraditória, complexa e em constante mudanças. Isto significa a necessidade de estar constantemente em movimento, mobilizando, construindo, ressignificando, reinventando. É preciso atuar nesta sociedade com afirmação e questionamento, com sensibilidade e razão, com reflexões e inflexões. É dessa forma que venho problematizando o estágio supervisionado em tempos de pandemia, buscando robustecer a docência.

Referências

AMADOR, Fernanda Spanier; PREDIGER, Juliana; FERNANDES, Daniel Rodrigues; SANTOS, Aline Talita Rosa dos. Cuidado pelo narrar: Ofício docente na educação básica brasileira e pandemia de Covid-19. **Hachetetépe. Revista científica en Educación y Comunicación**, n. 25, p. 1-12, 2022.

ARAÚJO, Osmar Hélio Alves; MARTINS, Elcimar Simão. Estágio curricular supervisionado como práxis: algumas perguntas e possíveis respostas. **Reflexão e Ação**, Santa Cruz do Sul, v. 28, n. 1, jan. 2020.

ARAÚJO, Osmar Hélio Alves. “Nova” Política Nacional de Formação de Professores com residência pedagógica: para onde caminha o estágio supervisionado? **Série-Estudos**, Campo Grande, MS, v. 24, n. 52, p. 253-273, set./dez. 2019.

ARAÚJO, Osmar Hélio Alves. O estágio como práxis, a pedagogia e a didática: que relação é essa? **Revista Eletrônica de Educação**, v. 14, 1-15, e3096048, jan./dez. 2020.

ARROYO, Miguel. Introdução: Os coletivos diversos repolitizam a formação. In: DINIZ-PEREIRA, Júlio Emilio; LEÃO, Geraldo. (Orgs.). **Quando a diversidade interroga a formação docente**. Belo Horizonte: Autêntica, 2008. p. 11-36.

BARRETO, Andreia Cristina Freitas; SANTOS, Jaciara de Oliveira Sant’Anna; MACHADO, Maira Souza. O trabalho docente em tempos de COVID-19: das políticas às práticas. In: COLARES, Getuliana Sousa; ANDRADE, Wendel Melo; COSTA, Gilmar Pereira. **Entre a academia e a escola: reflexões sobre políticas, teorias e práticas educacionais**. Curitiba, PR: CRV, 2021, p. 127-137.

CABRAL, Rosangela Costa Soares; MOREIRA, Joana da Rocha; DAMASCENO, Allan Rocha. Educação inclusiva em tempos de barbárie: questões sobre os desafios do ensino remoto. **Revista de Estudos em Educação e Diversidade**, v. 2, n. 3, 2021. p. 360-374.

CARVALHO, Eliana Márcia dos Santos; ARAÚJO, Ginaldo Cardoso de. Ensino remoto, saberes e formação docente: uma reflexão necessária. **Revista Cocar**. v.14, n. 30. Set./Dez./2020, p. 1-19.

CRUZ, Lilian Moreira; COELHO, Livia Andrade; FERREIRA, Lúcia. Gracia. Docência em tempos de pandemia: saberes e ensino remoto. **Debates em Educação**. Vol. 13, Nº. 31, Jan./Abr. 2021. p. 992-1016.

CRUZ, Lilian Moreira; MOURA, Edite Marques de; MENEZES, Cláudia Celestes Lima Costa. Contributos freirianos para Formação Continuada de professores/as em contexto de pandemia. **Revista de Estudos em Educação e Diversidade**, v. 2, n. 5, p. 1-16, 2021.

CRUZ, Lilian Moreira; BARRETO, Andreia Cristina Freitas; FERREIRA, Lúcia Gracia. Caminhos do desenvolvimento profissional docente na perspectiva freireana. **Com a Palavra o Professor**, v. 5, n. 12, maio-agosto/ 2020, Vitória da Conquista (BA).

ENGUIITA, Mariano Fernández. **Educar em tempos incertos**. Tradução Fátima Murad. Porto Alegre: Artmed, 2004.

ESTRELA, Maria Teresa. **Profissão docente**: dimensões afectivas e éticas. Porto, PT: Areal Editores, 2010.

FARO, André; BAHIANO, Milena de Andrade; NAKANO, Tatiana de Cassia; REIS, Catiele; SILVA, Brenda Fernanda Pereira da; VITTI, Laís Santos. COVID-19 e saúde mental: a emergência do cuidado. **Estudos de Psicologia** (Campinas). vol.37, Campinas, 2020, Epub, e200074, 01-Jun-2020.

FÉLIX, Carlos Marcelo Cavalheiro. Escola pública, formação docente e as tecnologias digitais no contexto da pandemia. **Revista de Estudos em Educação e Diversidade**. v. 2, n. 5, p. 1-19, 2021.

FERRAZ, Rita de Cássia Souza Nascimento; FERREIRA, Lúcia Gracia; FERRAZ, Roselane Duarte. Educação em tempos de pandemia: consequências do enfrentamento e (re)aprendizagem do ato de ensinar. **Revista Cocar**. Edição Especial, N.09/2021 p.1-19.

FERRAZ, Roselane Duarte; FERREIRA, Lúcia Gracia. Estágio supervisionado no contexto do ensino remoto emergencial: entre a expectativa e a resignificação. **Revista de Estudos em Educação e Diversidade**. v. 2, n. 4, p. 1-28. 2021.

FERRAZ, Roselane Duarte; FERREIRA, Lúcia Gracia; FERRAZ, Rita de Cássia Souza Nascimento. O coordenador pedagógico e a organização do trabalho escolar no contexto da pandemia. **Humanidades & Inovação**. 2021. v. 8, n. 61. p. 318-336.

FERRAZ, Roselane Duarte. Estágio supervisionado na formação do pedagogo: contribuições e desafios. **Revista Encantar** - Educação, Cultura e Sociedade - Bom Jesus da Lapa, v. 2, p. 01-12, jan./dez. 2020.

FERREIRA, Lúcia Gracia; ABREU, Roberta Melo de Andrade. Características e desafios dos/nos anos iniciais do ensino fundamental: vozes de estagiários. **Revista de Estudos em Educação e Diversidade**. v. 2, n. 5, 2021. p. 1-31. 2021.

FERREIRA, Lúcia Gracia; FERRAZ, Roselane Duarte. Por trás das lentes: o estágio como campo de formação e construção da identidade profissional docente. **Revista Hipótese**. v. 7, n. único. p. 301-320. 2021.

FERREIRA, Lúcia Gracia; FERRAZ, Roselane Duarte; FERRAZ, Rita de Cássia Souza Nascimento. Trabalho docente na pandemia: discursos de professores sobre o ofício. **Fólio - Revista De Letras**, v. 13, n. 1. 2021. p. 323-344.

FERREIRA, Lúcia Gracia. Desenvolvimento profissional docente: percursos teóricos, perspectivas e (des)continuidades. **Educação em Perspectiva**. v. 11. jul. 2020a, p. 1-18.

FERREIRA, Lúcia Gracia. Formação de professores e ludicidade: reflexões contemporâneas num contexto de mudanças. **Revista de Estudos em Educação e Diversidade**, v. 1, n. 2, 410-431. 2020b.

FERREIRA, Lucia Gracia. Desenvolvimento profissional docente: cotidiano e aprendizagem da docência de professores iniciantes. **Revista Internacional de Formação de Professores**, Itapetininga, v. 6, p.58-80, 2021.

FERREIRA, Lúcia Gracia; FERREIRA, Lucimar Gracia; FERREIRA, Adriana G. Fazer docente: reflexões sobre formação, trabalho e especificidades das áreas de atuação docente. In: LOPES, A.; CAVALCANTE, M. A. DA S.; OLIVEIRA, D. A.; HYPÓLITO, A. M. (Orgs.). **Trabalho Docente e Formação: Políticas, Práticas e Investigação: Pontes para a mudança**. Porto/Portugal. Edição: FPCUPE, 2014, p. 224-232. Disponível em: https://fpce.up.pt/trabalhodocenteformacao/assets/TrabalhoDocenteEFormacao_Vol_I.pdf. Acesso em: 15 abr. 2022.

FERREIRA, Lucimar Gracia; FERREIRA, Lúcia Gracia; ZEN, Giovana Cristina. Alfabetização em tempos de pandemia: perspectivas para o ensino da língua materna. **Fólio - Revista De Letras**, v. 12, n. 2. 2020. p. 283-299.

FERREIRA, Lucimar Gracia; FERRAZ, Roselane Duarte. O estágio com pesquisa: um olhar sobre o processo ensinar/aprender. **Educação em Análise**, Londrina, v.6, n.2, p.277-294, ago./dez. 2021.

FREITAS, Carlos Machado de; SILVA, Isadora Vida de Mefano; CIDADE, Natália da Cunha. A COVID-19 como um desastre global: desafios à governança de risco e vulnerabilidade social no Brasil. **Ambiente & Sociedade**. 2020, vol.23, e0115. Epub 03-Jul-2020.

FERREIRA, Valéria Milena Röhrich; ARCO-VERDE, Yvelise Freitas de Souza. **Chrónos & Kairós: o tempo nos tempos da escola**. **Educar**, Curitiba, n. 17, p. 63-78. 2001.

IMBERNÓN, Francisco. Un nuevo desarrollo profesional del profesorado para una nueva educación. **Revista de Ciências Humanas**. Frederico Westphalen, v. 12, n. 19, p. 75-86, Dez., 2011.

IMBERNÓN, Francisco. **A Educação no Século XXI: os desafios do futuro imediato**. Porto Alegre: Artmed, 2000.

IMBERNÓN, Francisco. **Formação docente e profissional: formar-se para a mudança e a incerteza**. 8. ed. São Paulo: Cortez, 2011.

JARAUTA, Beatriz; IMBERNÓN, Francisco (Orgs.). **Pensando no futuro da educação: uma nova escola para o século XXII**. Tradução de Juliana dos Santos Padilha. Porto Alegre: Penso, 2015.

KOHAN, Walter Omar. Tempos da escola em tempo de pandemia e necropolítica. **Práxis Educativa**, Ponta Grossa, v. 15, e2016212, p. 1-9, 2020.

LAUDA-RODRIGUEZ, Zenaida et al. Editorial n° 03/2020 A época COVID-19: Pesquisa interdisciplinar e uma nova ética sustentável e justa. **Ambiente & Sociedade**. 2020, vol.23, Epub 03-Jul-2020.

LEITE, Maria Laís dos Santos; TORRES, Geovane Gesteira Sales; CUNHA, Rocelly Dayane Teotônio da. Entre sonhos e crises: esquadrinhando os impactos acadêmicos da pandemia por COVID-19 na vida de pós-graduandas(os) brasileiras(os). **Revista de Estudos em Educação e Diversidade**. v. 1, n. 2, 2020. p. 7-30.

MACEDO, Lino de. Prefácio à edição brasileira. In: PERRENOUD, Philippe. **Ensinar: agir na urgência, decidir na incerteza**. Tradução Cláudia Schilling. 2. ed. Porto Alegre: Artmed, 2001. p. v-ix.

MAUAD, Samara; FREITAS, Léa G. de. Ensino remoto emergencial e o estágio supervisionado em educação em tempos de pandemia da COVID-19. **Revista de Estudos em Educação e Diversidade**. v. 2, n. 4, 2021. p. 1-27.

MEDEIROS, Emerson A. de; FORTUNATO, Ivan; ARAÚJO, Osmar Hélio A. Professores orientadores dos estágios supervisionados das licenciaturas do Brasil: análise de teses nacionais 2014-2018. **Práxis Educacional**, v. 16, n. 43, p. 29-50, 2020.

MORAIS, Erivanía Melo de. O estágio supervisionado de formação docente em tempos de ensino remoto: os desafios de uma formação crítica e reflexiva. **Revista de Estudos em Educação e Diversidade**. v. 2, n. 4, 2021. p. 1-16.

MOREIRA, José António Marques; HENRIQUES, Susana; BARROS, Daniela. Transitando de um ensino remoto emergencial para uma educação digital em rede, em tempos de pandemia. **Dialogia**, São Paulo, n. 34, p. 351-364, jan./abr. 2020.

NÓVOA, António. Firmar a posição como professor, afirmar a profissão docente. **Cadernos de Pesquisa**, v. 47, n. 166, p. 1106-1133, out/dez, 2017.

NÓVOA, Antonio. **Escolas e Professores: proteger, transformar, valorizar**. Colaboração Yara Alvim. Salvador: SEC/IAT, 2022.

OLIVEIRA, Tiago Melo de; SANTOS, Fábio Viana. “Caminhando contra o vento, sem lenço e sem documento”: educação básica em tempos de pandemia. **Boletim de Conjuntura (BOCA)**, Boa Vista, v. 4, n. 11, p. 99–106, 2020.

ORGANIZAÇÃO Pan-Americana da Saúde (OPAS). **Histórico**. Disponível em: https://www.paho.org/bra/index.php?option=com_content&view=article&id=6101:covid19&Itemid=875. Acesso em: 03 jun. 2020. 2020a.

ORGANIZAÇÃO Pan-Americana da Saúde (OPAS). **OMS afirma que COVID-19 é agora caracterizada como pandemia**. Disponível em: https://www.paho.org/bra/index.php?option=com_content&view=article&id=6120:oms-afirma-que-covid-19-e-agora-caracterizada-como-pandemia&Itemid=812. Acesso em: 03 jun. 2020. 2020b.

PEREIRA, Hortência Pessoa; SANTOS, Fábio Viana; MANENTI, Mariana Aguiar. Saúde mental de docentes em tempos de pandemia: os impactos das atividades remotas. **Boletim de Conjuntura (BOCA)**, v. 3, n. 9, p. 26-32, 2020. Disponível em: <https://revista.ufr.br/boca/article/view/Pereiraetal>. Acesso em: 20 mar. 2021.

PERRENOUD, Philippe. **Ensinar**: agir na urgência, decidir na incerteza. Tradução Cláudia Schilling. 2. ed. Porto Alegre: Artmed, 2001.

PÉREZ GÓMEZ, Angel L. As funções sociais da escola: da reprodução à reconstrução crítica do conhecimento e da experiência. In: SACRISTAN, J. Gimeno; PÉREZ GÓMEZ, Angel L. **Compreender e transformar o ensino**. Tradução Ernani F. da Fonseca Rosa. 4 ed. São Paulo: Artmed, 1998, p. 13-26.

PIMENTA, Selma Garrido; LIMA, Maria Socorro Lucena. **Estágio e Docência**. 6 ed. São Paulo: Cortez, 2011.

PRETTO, Nelson de Luca; BONILLA, Maria Helena Silveira; SENA, Ivânia Paula Freitas de Souza. **Educação em tempos de pandemia**: reflexões sobre as implicações do isolamento físico imposto pela COVID-19. Salvador: Edição do Autor, 2020.

RIBEIRO, Luís Tavora Furtado; ARAÚJO, Osmar Hélio Alves. O estágio supervisionado: fios, desafios, movimentos e possibilidades de formação. **Revista Ibero-Americana de Estudos em Educação**, Araraquara, v. 12, n. 3, p. 1721–1735, 2017.

RIBEIRO, Djeissom Silva; FERREIRA, Lúcia Gracia. O estágio supervisionado em gestão escolar: construindo alternativas para a formação docente em tempos de ensino remoto. **Espaço Acadêmico**. v. 21, n. 233, mar./abr., p. 04-15. 2022.

SANTANA, Camila Lima Santana; SALES, Kathia Marise Borges. Aula em casa: educação, tecnologias digitais e pandemia COVID-19. **Interfaces Científicas - Educação**. vol. 10, n. 1. Aracaju, 2020, p. 75-92.

SANTOS, Jurema Rosendo dos; FERREIRA, Lúcia Gracia; FERRAZ, Rita de Cássia Souza Nascimento. Professores iniciantes em situação de ausência de bem-estar: perspectivas sobre dilemas no desenvolvimento profissional. **Revista Cocar**. Edição Especial, N. 8. Jan./Abr. 2020, p. 347-370.

SANTOS, Jurema Rosendo dos; FERREIRA, Lúcia Gracia. Desenvolvimento profissional, vida e carreira: histórias de professores atingidos pelo mal-estar docente. **Revista Educação e Emancipação**. São Luiz, v. 9, n. 2, jul./dez, p. 108-137, 2016.

SANTOS, Marcia Eliza de Godoi; OLIVEIRA, Adriana Leonidas de. Educação em tempos de pandemia: projeto de vida de jovens do ensino médio. **Revista de Estudos em Educação e Diversidade**. v. 2, n. 4, 2021. abr./jun. p. 1-19.

SANTOS, Boaventura de Sousa. **A cruel pedagogia do vírus** (Pandemia Capital). Boitempo Editorial. Edição do Kindle, 2020.

SANTOS, Boaventura de Sousa. **O futuro começa agora**: da pandemia a utopia. São Paulo: Boitempo, 2021.

SENHORAS, Eloi M. Coronavírus e educação: análise dos impactos assimétricos. **BOLETIM DE CONJUNTURA (BOCA)** ano II, vol. 2, n. 5, Boa Vista, 2020, p. 128-136.

SCHMIDT, B., CREPALDI, M. A., BOLZE, S. D. A., NEIVA-SILVA, L.; DEMENECH, L. M. Impactos na Saúde Mental e Intervenções Psicológicas Diante da Pandemia do Novo Coronavírus (COVID-19)., **Estudos de Psicologia** (Campinas), 37, e200063. 2020.

SOUZA, Ester Maria de Figueiredo; MARTINS, Angela Maria Gusmão Santos. Estágio supervisionado nos cursos de licenciatura: pesquisa, extensão e docência. **Revista Práxis Educacional**, Vitória da Conquista, Bahia, Brasil, v. 8, n. 13, p. 143-156, 2012.

SOUZA, Ester Maria de Figueiredo; FERREIRA, Lúcia Gracia. Ensino remoto emergencial e o estágio supervisionado nos cursos de licenciatura no cenário da Pandemia COVID 19. **Revista Tempos e Espaços em Educação**, v. 13, n. 32, p. 1-19, 4 out. 2020.

SOUZA, Ester Maria de Figueiredo; FERREIRA, Lúcia Gracia. A matrícula como direito do estudante na pandemia da COVID-19. **Práxis Educacional**. Vitória da Conquista, v. 17, n. 44, p. 1-21, jan./mar, 2021.

SOUZA, Ester Maria de Figueiredo. Estágio Remoto Emergencial: refrações de um conceito para o ensino. **Revista de Estudos em Educação e Diversidade**, v. 2, n. 4, p. 1-15. 2021.

TELES, Nayana; GOMES, Tiago Pereira; VALENTIM, Fabrício. Universidade multicampi em tempos de pandemia e os desafios do ensino remoto. **Revista de Estudos em Educação e Diversidade**. v. 2, n. 4, 2021. abr./jun. p. 1-24.

TORRES, Ana Catarina Moura; COSTA, Ana Caline Nóbrega da Costa, ALVES, Lynn Rosalina Gama. Educação e Saúde: reflexões sobre o contexto universitário em tempos de COVID-19. **Scielo preprint**. DOI 10.1590/SciELOPreprints.640.

VALLE, Paulo Dalla; MARCOM, Jacinta Lucia Rizzi. Desafios da prática pedagógica e as competências para ensinar em tempos de pandemia. In: PALÚ, Janete; SCHÜTZ, Jenerton Arlan; MAYER, Leandro (Orgs.). **Desafios da Educação em tempos de Pandemia**. Cruz Alta, 2020, p. 139-153.

VINHAS, Thaís; SANTOS, Lorena Michelle Silva dos; BARRETO, Andreia Cristina Freitas. Estágio Supervisionado e Ensino Remoto Emergencial: quais os desafios para a formação docente?. **Revista Latino-Americana de Estudos Científicos**, p. 176-189, 2021.

Recebido em: 12 de abril de 2022.

Aprovado em: 20 de junho de 2022.